

BOLETIM INFORMATIVO
Maio 2024



ONCOLOGIA NO ESPAÇO LUSÓFONO

4 E 5 DE MAIO '23
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE



CMLP
Comunidade Médica
de Língua Portuguesa



PALAVRA DO PRESIDENTE



A importância da Comunidade Médica de Língua Portuguesa no intercâmbio científico e humanitário

A Língua Portuguesa é um elo que une os médicos em diversas partes do mundo, criando uma comunidade global com um propósito comum: promover o intercâmbio científico e humanitário através da medicina. Assim, a Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP) transcende fronteiras geográficas, estabelecendo uma rede de colaboração que beneficia profissionais, pacientes e sociedades.

Esse propósito se materializou mais uma vez com a entrada da Guiné Equatorial como membro oficial da CMLP no final de 2023, o que é um marco na nossa história, fruto de um processo que impactou na abolição da pena de morte da Constituição daquele país. É o coroamento de um trabalho que teve início na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que exige o cumprimento de alguns critérios para que

determinado país se torne membro. A presença da Guiné Equatorial na CMLP é um marco que vai além da medicina e impacta na ampliação de direitos humanos.

Nos últimos anos, testemunhamos o crescimento notável da CMLP e seguimos trabalhando para que os laços históricos sejam renovados e fortalecidos entre os países para ampliar a nossa cooperação técnica e científica. Isso, porém, é uma conquista que vai além da atuação médica, que extrapola nossos desejos e esforços enquanto comunidade e passa pelo entendimento dos Estados quanto à relevância desse intercâmbio.

É fundamental que os médicos dos países-membros da CMLP tenham mobilidade nesta comunidade para que o intercâmbio científico seja efetivo, por exemplo, na realização de treinamentos e residências médicas. Essa mobilidade, porém, passa por questões burocráticas, como a concessão de vistos, nas quais os governos têm soberania para decidir.

As entidades médicas são catalisadores que trabalham na sensibilização junto aos Estados para que, em um futuro próximo, tenhamos na CMLP um espaço comum sem barreiras para a medicina, mas com pontes que nos permitam ampliar o intercâmbio médico-científico e, assim, melhor atender os nossos diversos povos já historicamente unidos.

Jeancarlo Fernandes Cavalcante

Presidente da CMLP e 1º vice-presidente do CFM

PROGRAMA “ ONCOLOGIA NO ESPAÇO LUSÓFONO

04 DE MAIO

MANHÃ

Visitas Institucionais

(Ministério da Saúde; Presidência da República; Unidade de Saúde.)

TARDE

(14:00-14:30) Sessão de Abertura

Presidente da CMLP, Dr. Jeancarlo Cavalcante
Bastonário da Ordem dos Médicos de São Tomé e Príncipe, Dr. Celso Matos
Vídeo-mensagem do Bastonário da Ordem dos Médicos de Portugal, Dr. Carlos Cortes
Vídeo-mensagem do Secretário Executivo da CPLP, Embaixador Zacarias da Costa
Presidente da República de São Tomé e Príncipe, Eng. Carlos Manuel Vila Nova

(14:30-15:30) Sessão Conferências Presidente: Esperança Carvalho, vice-bastonária da Ordem de São Tomé e Príncipe

Conferência 1: Oncologia e dilemas éticos
Dr. Jeancarlo Cavalcante – Presidente da CMLP e Vice-Presidente do CFM, Brasil

Conferência 2: Perfil de Saúde e Sistema de Saúde de São Tomé e Príncipe
Dr. Célsio Junqueira- Ministro da Saúde de São Tomé e Príncipe

Coffee-break

(15:50-17:05) Mesa 1: Situação atual da oncologia no Espaço Lusófono: desafios e perspetivas - Presidente: Feliciano Sousa Pontes, Diretora dos Cuidados de Saúde de STP
Panorama da doença oncológica no adulto em STP: Ludmila Castelo David, Diretora Clínica e Zledmir Pires, Médico Internista - Hospital Ayres de Menezes
Desafios do tratamento oncológico sistémico em Angola – Paulo Salamanca, Presidente do Colégio de Oncologia da Ordem dos Médicos de Angola
Satish Tulsidas, Médico Especialista e Secretário do Colégio de Oncologia Médica de Moçambique.
Carla Barbosa Cabo Verde, Coordenadora do Plano Nacional de luta e prevenção contra o Cancro, Cabo-Verde

(17:10-18:10) Mesa 2: Caminhos da Oncologia e multidisciplinaridade - Presidente: Gilberto Manhiça, Bastonário da Ordem dos Médicos de Moçambique
Moderadora: Dra. Grimalde Trindade, Ordem dos Médicos de São Tomé e Príncipe
Florentino Cardoso, Conselho Federal de Medicina, Brasil
Vídeo-mensagem de Luís Costa, Presidente do Colégio de Oncologia da Ordem dos Médicos, Portugal
Edvandro Borges, Consultor Médico da ROCHE

MANHÃ

(8:30-9:45) Mesa 1: Recursos em Oncologia – investir onde e como
Presidente – Milton Tatia, Presidente da Associação Médica de Moçambique
Moderadora – Celeste Alves, IMVF

Vídeo-mensagem de António Lacerda Sales, ex-Secretário Estado da Saúde, Portugal
Diagnóstico da doença oncológica em STP – Marisa Lima, radiologista do Hospital Ayres de Menezes
Francisco Sousa Vieira, SRNorte da Ordem dos Médicos, Portugal

Coffee-break

(10:00-12:15) Mesa 2: Elaboração de um Plano Nacional de Oncologia
Presidente – Danielson Veiga, Bastonário da Ordem dos Médicos de Cabo Verde
Moderador – Martinho Nascimento, ex-bastonário da Ordem dos Médicos STP

Do planeamento à Implementação – José Mário Martins, Presidente da COOLSTP e Vídeo-mensagem de Jorge Espírito Santo, COOLSTP
A importância de um Registo Nacional – Lucília Pinheiro, IMVF
O exemplo do Cancro do Colo do útero – da prevenção ao tratamento – Luís Vieira Pinto, IMVF
Fatores de ponderação nos processos de decisão – José Luís Alves, CHU Coimbra

Almoço

TARDE

(14:00-14:35) Momento Cultural

(14:30-15:30) Dia Mundial da Língua Portuguesa e Prémio Literário da CMLP

Presidente – Jeancarlo Cavalcante, CMLP
Miguel Guimarães, ex-bastonário da Ordem dos Médicos de Portugal (vídeo-mensagem)
Dra. Isabel Abreu – Ministra da Educação, Cultura e Ciências
Embaixador Pedro Luiz Dalcerro, Embaixador do Brasil em São Tomé e Príncipe
Guilherme Figueiredo, Camões I.P, Embaixada de Portugal

(15:35-16:35) Ameaças em Saúde Pública – Vigilância, Preparação e Resposta ao Surto de Marburg

Presidente – Francisco Pavão, Secretário Executivo da CMLP
Moderador - Dr. Vilfrido Gil, Organização Mundial da Saúde
Eula Carvalho, Consultora da Organização Mundial da Saúde

(16:40-17:15) Sessão de Encerramento

Vice-Presidente da CMLP – Dra. Elisa Gaspar, Bastonária da Ordem dos Médicos de Angola
Bastonário da Ordem dos Médicos de São Tomé e Príncipe – Dr. Celso Matos
Ministério da Saúde de São Tomé e Príncipe – Dr. Célsio Junqueira
Primeiro-ministro da República de São Tomé e Príncipe – Dr. Patrice Trovoada

05 DE MAIO



XI CONGRESSO DA CMLP

XI Congresso e a Ordem dos Médicos de São Tomé e Príncipe

Nos dias 4 e 5 de maio de 2024 decorreu, em São Tomé, o XI Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP) sob o tema “Oncologia no Espaço Lusófono”.

A Ordem dos Médicos de São Tomé e Príncipe, anfitriã do evento, teve o privilégio de receber entidades e organismos importantes da medicina do espaço lusófono, como o Presidente e a Vice-Presidente da CMLP, o Dr. Jeancarlo Cavalcante e a Dra. Elisa Gaspar, os Bastonários de vários países, o Secretário permanente da CMLP, presidentes dos colégios de oncologia dos respetivos países, a representante permanente da Organização Mundial da Saúde (OMS) em São Tomé e Príncipe (STP), e outras organizações, como o Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF), a COOL-STP, a farmacêutica Roche e representantes da medicina militar portuguesa e de outros hospitais de Portugal e do Brasil.

O evento teve merecido acolhimento das entidades políticas do país com a cerimónia de abertura, a contar com as palavras do excelentíssimo Presidente da República de STP, Carlos Vila Nova, e com a participação do Ministro da Saúde e da Ministra da Educação e Cultura em diferentes painéis do congresso. Contou igualmente com boa participação da classe médica e organizações da sociedade civil são-tomense.

Com um programa de atividades bastante ambicioso, ficamos a conhecer melhor a realidade da oncologia nos respetivos países. Dessa forma, entendendo melhor alguns temas ligados à elaboração de um plano nacional de oncologia (PNO), foi possível

traçar caminhos para o desenvolvimento da oncologia e onde encontrar programas de financiamentos, temas de grande importância para países que não contam com um registo oncológico eficaz e PNO, como são os casos de São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau.

Nos tempos de conjuntura incerta, foi importante abordar temas de saúde pública e também a questão da prevenção, preparação e resposta às doenças emergentes.

A língua portuguesa teve espaço especial durante o congresso com o ponto alto na entrega do primeiro prémio literário da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP), que estimula a escrita na nossa língua e que contou com uma ampla participação de entidades e entusiastas nesse primeiro ano.

Ficamos com a impressão de que foi um congresso que cumpriu com as expectativas e esperamos ter contribuído para a melhoria dos nossos sistemas de saúde e o reforço da credibilização da CMLP.

Agradecemos a todos que apoiaram a realização do evento e a todos os participantes, apelando para uma aproximação cada vez maior e para o incremento das parcerias que contribuem para a superação dos grandes desafios que vive a saúde nos nossos respetivos países.

Celso Matos

Bastonário da Ordem dos Médicos de São Tomé e Príncipe





XI CONGRESSO DA CMLP

Desafios do Tratamento Oncológico Sistémico em Angola

Durante a minha explanação do tema, abordei vários aspectos, que numero da seguinte forma:

1. Sabe-se que, entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop), apesar de geograficamente próximos, as parcerias de colaboração na saúde são difíceis e com escassos benefícios de custo-efectividade devido ao reduzido número de pontes aéreas possíveis, o que dificulta a permuta e o acesso dos recursos humanos, materiais e institucionais existentes em alguns países e inexistentes noutros.
2. A Globocan, em 2020, estimou que Angola teria cerca de 33 milhões de habitantes, sendo que nesse mesmo ano haveria quase 20 mil novos casos de cancro e, conseqüentemente, cerca de 12 mil mortes por essa enfermidade. Além disso, segundo os registos de base hospitalar do Instituto Angolano de Controlo de Câncer (IACC), no momento o único hospital público em Angola que aborda o cancro nas três modalidades terapêuticas basilares (tratamento sistémico, inclusive quimioterapia, radioterapia e cirurgia oncológica) admite anualmente cerca de 1.200 novos casos da doença (apenas cerca de 6% do que foi estimado para 2020). Sendo assim, é preciso melhorar a referenciação e o acesso dos nossos doentes aos tratamentos oncológicos.
3. Nos Palop, a razão entre a mortalidade e a incidência é elevada, variando entre 59,1% (Cabo Verde) e 74,1% (Guiné-Bissau).
4. Os recursos para o tratamento sistémico em Angola eram dois serviços de oncologia, nomeadamente o IACC e a Clínica Sagrada Esperança, ambos em Luanda. Contavam, no total, com 15 oncologistas clínicos para as prescrições e gestão da toxicidade dos citostáticos.
5. Os Palop apresentavam uma razão entre a mortalidade e a incidência elevada (valor médio de 66,8%)

porque tinham um baixo produto interno bruto (PIB) *per capita*, poucos hospitais dedicados ao tratamento oncológico e escassos oncologistas clínicos.

6. O diagnóstico anatomopatológico é o *gold standard* em oncologia, havendo uma carência ou inexistência de estudos complementares de imuno-histoquímica nos Palop. Foi realçado a importância da selecção dos doentes com cancro da mama em subgrupos moleculares que se beneficiam de terapêuticas alvos com impacto na sobrevivência global e da necessidade de explorar técnicas alternativas mais baratas sem prejuízo no diagnóstico (experiência de Cabo Verde – XPERT Breast Cancer STRAT4).
7. A jornada do doente com cancro da mama em Angola era longa, com muitas barreiras socioculturais, religiosas e por falta de literacia em saúde, ou seja, factores que influenciam na procura primordial do curandeiro, do pastor ou do médico.
8. O estudo da proficiência dos cuidados aos doentes com cancro da mama no IACC, admitidos e/ou tratados em 2018, concluiu que o diagnóstico era tardio (cerca de 85% nos estágios III e IV), cerca de 73,1% dos doentes realizavam tratamento oncológico, apenas 43,5% eram submetidos ao tratamento cirúrgico (maioria mastectomia radical modificada) e 28,7% perdiam seguimento em algum momento do fluxo do doente na instituição.

COMENTÁRIOS:

Estabelecer cooperações de ensino e de capacitação dos recursos para uma oncologia mais inclusiva e sustentada em boas práticas clínicas;

O cancro é a doença do desenvolvimento e deve ser tratado em todos os países da comunidade de língua portuguesa para não amputarmos a força de trabalho local e para diminuirmos os custos da doença nos nossos países.

Paulo Salamanca
Presidente do Colégio de
Especialidade de Oncologia
da Ordem dos Médicos de
Angola





XI CONGRESSO DA CMLP

Caminhos da oncologia e multidisciplinaridade

O câncer cresce em incidência no mundo (vivemos mais, diagnosticamos melhor). Sabe-se que, quanto mais avançado, maiores são os custos, a dor e o sofrimento aos pacientes e familiares; além disso, maiores são sequelas e as mortes e, com certeza, é menor a expectativa de cura. Diagnóstico precoce e prevenção são os alvos atuais, todavia penso que mudanças duradouras e mais efetivas ocorrerão com a difusão da educação em saúde, feita de forma persistente e contínua.

A oncologia é bastante heterogênea no mundo lusófono, dado que há grandes diferenças nos nossos países, incluindo crescimento e desenvolvimento na área da saúde. No Brasil, cirurgia oncológica, oncologia clínica e radioterapia, por exemplo, são três das mais de 50 especialidades médicas reconhecidas. Na maioria dos países da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP), não há a especialidade.

No Brasil, já estamos perto de 600 mil médicos (2,65 médicos por mil habitantes), equitativamente distribuídos entre homens e mulheres (mas as mulheres já são maioria entre os estudantes de medicina). A média de idade dos médicos é de 45 anos.

De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no Brasil, são esperados 704 mil casos novos de câncer para cada ano de 2023 a 2025. Os mais incidentes no Brasil são: pele não melanoma (31,3% do total), mama feminina (10,5%), próstata (10,2%), cólon e reto (6,5%), pulmão (4,6%) e estômago (3,1%). A maioria pode ser prevenida ou diagnosticada precocemente.

Ainda temos dificuldades no acesso com qualidade para tratar pacientes com câncer, notadamente no setor público (no Brasil, cerca de 75% da população depende exclusivamente do Sistema Único de Saúde – SUS). Há grandes filas para tratar pacientes com câncer no Brasil, e alguns, devido ao tempo de espera, perdem a chance de cura, ao passo que outros perdem as chances de tratamento. No sistema de saúde suplementar (cerca de 25% das pessoas no Brasil), o cenário é completamente diferente.

Durante a pandemia da covid-19, um elevado percentual de pacientes teve diagnóstico e tratamento atrasados, impactando diretamente em maior número de casos avançados e aumento da mortalidade. Reduziram biópsias (32%), citologias para *screening* (50%), mamografias de *screening* (quase 50%), colonoscopias (35,8%), dosagem do PSA (29%), internações por câncer (11,9%), cirurgias eletivas (15,3%), novos pacientes para quimioterapia (5%), levando ao acúmulo de pacientes com câncer nos dias atuais.

Disseminemos, portanto, hábitos simples à população, como evitar exposição à radiação UV em horários de alta incidência solar, usar protetor solar (câncer de pele), exame preventivo ginecológico e vacina contra HPV (câncer de colo uterino), dosar PSA sérico e toque retal (câncer de próstata), pesquisa de sangue oculto nas fezes e colonoscopia (câncer colorrectal) e mamografia digital (câncer de mama) em faixas etárias bem definidas.

Há grande impacto do tabagismo no câncer (se fosse abolido, ocorreriam cerca de 30% menos mortes por câncer). Educar todos para hábitos alimentares saudáveis, atividade física regular e



evitar o alcoolismo são medidas que diminuirão a chance de se ter câncer.

A abordagem do câncer deve ser multiprofissional (médicos, outros profissionais de saúde e educadores em saúde) e multidisciplinar. Há avanços no diagnóstico (biologia molecular, oncogenética) e no tratamento (medicina de precisão, novas drogas).

Na jornada do paciente com câncer, valorizamos a primeira consulta (na atenção primária, médico, enfermeira, entre outros) e a abordagem adequada quando tiver suspeita, realizando exames: ginecológico, próstata, exames de imagem (CT, MRI) e biópsia. Confirmado o diagnóstico, faz-se o estadiamento, lembrando sempre que precisamos de time multidisciplinar, incluindo foco na reabilitação e cuidados paliativos.

Importante e necessária mensagem é que não pensemos somente em diagnóstico (o mais precoce possível) e tratamento. Esforcemo-nos pelo diagnóstico precoce, *screening/rastreamento*, prevenção e promoção da saúde e educação em saúde.

Como avançar no cuidado aos pacientes? Conhecendo melhor a doença, utilizando bem novas tecnologias quanto às técnicas de imagem e biópsia. Vale destacar que o tratamento muda conforme novos conhecimentos, tecnologias (robô, melhores aparelhos de radioterapia) e drogas (droga-alvo, medicina de precisão). Avaliemos sempre o que é melhor ao paciente. Além disso, é bom ter mais oportunidades de adquirir novos e bons conhecimentos, alicerçados nas melhores evidências científicas e colocar à disposição dos nossos pacientes “o estado da arte”, ainda que tendo em vista as limitações impostas

pelo perfil socioeconômico das diferentes realidades nos nossos países. Assim, saúde deve ser encarada com olhares na equidade e integralidade, pensando também pelo coletivo.

A atenção primária tem grande importância na oncologia. Dentistas bem treinados têm alto impacto na prevenção e detecção de câncer da cabeça e pescoço. Muitos podem e devem ajudar.

Qual será o impacto da inteligência artificial no câncer? Na história clínica (data-bank), exame físico (*wearables*), na precisão do diagnóstico, estadiamento, tratamento e prognóstico? Aguardemos, observemos e busquemos fazer mais e melhor.

Nós, médicos do Brasil, estaremos sempre à disposição para aprender, ensinar e ajudar quem precisa. Saúde é nosso bem maior!



Florentino Cardoso
MD, MSc, TCBC, FACS
Cirurgião Oncológico



XI CONGRESSO DA CMLP

Evolução da oncologia em Moçambique

Moçambique é um dos países mais pobres do mundo, com um produto interno bruto (PIB) de 500 dólares *per capita*, em 2021, e quase dois terços da população vivendo abaixo da linha de pobreza, em 2014. Em 2020, a população estimada era de 31 milhões, a expectativa de vida, ou seja, a esperança média de vida ao nascer, era de 61 anos, e cerca de 45% da população tinha menos de 15 anos.

O sistema nacional de saúde cobre menos da metade da população, e a densidade de profissionais de saúde é baixa: 8,4 médicos, 33,4 enfermeiros e 760 leitos hospitalares por 100 mil habitantes. Semelhante a outros países menos desenvolvidos, há uma fraca prestação de cuidados de saúde para doenças não transmissíveis (DNT) devido às prioridades concorrentes com doenças infecciosas. De facto, as principais causas de morte em Moçambique, em 2019, foram o HIV/SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis, infecções respiratórias e tuberculose. No entanto, com a urbanização e a ocidentalização dos estilos de vida, as DNT também estão aumentando: de 1990 para 2019, as doenças cardiovasculares passaram da sexta para a quarta, e o cancro da décima para a sexta principal causa de morte entre os moçambicanos.

De acordo com o Globocan, foram estimados 25.446 novos casos e 18.014 mortes em Moçambique no ano de 2020, correspondendo a uma taxa de incidência de 81,4 e uma taxa de mortalidade de 57,6 por 100 mil habitantes.

Moçambique, assim como outros países tem enviado esforços no sentido de melhorar a prestação de cuidados de saúde em doentes com cancro.

Segundo registros existentes, o primeiro serviço de oncologia foi criado no Hospital Central de Maputo (HCM), antigo Hospital Miguel Bombarda, entre os anos 1950 e 1960. Nesse período, havia um serviço que oferecia tratamento sistémico (quimioterapia) e radioterapia. O serviço funcionou integralmente até os anos 1990, havendo registros de últimos tratamentos com radioterapia realizados em 1996. Desde esse período, o HCM passou a oferecer somente o tratamento sistémico, que eram realizados de forma esporádica nos diferentes serviços do hospital (oncologia, hemato-oncologia, dermatologia, ginecologia e cirurgia). Entre os anos 2000 e 2005, houve a reativação do serviço de oncologia do HCM, que na época contava com dois médicos, um moçambicano e um estrangeiro, os quais foram organizando o serviço e melhorando o atendimento ao doente oncológico, oferecendo basicamente quimioterapia e hormonoterapia.

Em 2005, inicia-se a formação médica especializada em oncologia, e com a formação de médicos oncologistas, em 2010, foi colocado um médico oncologista em Nampula com conseqüente abertura do serviço no Hospital Central de Nampula para atender à Zona Norte do país.

Em 2019, é inaugurado o novo serviço de radioterapia no HCM, sendo até a data o único serviço que oferece esse tipo de tratamento no país.



Em 2020, com a colocação de dois médicos oncologistas de origem estrangeira na cidade da Beira, foi aberto o serviço de oncologia no Hospital Central da Beira, para servir a Zona Centro do país.

Em simultâneo, ações de prevenção, rastreio e deteção precoce do cancro foram sendo desenvolvidas no âmbito do Ministério da Saúde. Nas ações preventivas, é preciso realçar a introdução das vacinas contra a hepatite B (2001) e HPV (2021), bem como a implementação de algumas estratégias para reduzir o impacto das infeções relacionadas com o cancro, como o HIV, assim como a disseminação de estratégias para as mudanças no estilo de vida, incluindo o consumo de tabaco e álcool. Com relação ao rastreio e deteção precoce, seguindo as prioridades definidas no Plano Estratégico Nacional para a Prevenção e Controle de Doenças Não Transmissíveis (2008-2014), foi lançado em 2009 o Programa Nacional para a Prevenção e Controle do Cancro do Colo do Útero e de Mama. Em 2013 foi criado o Programa Nacional de Controle do Cancro, e em 2019 foi lançado o Plano Nacional de Controle do Cancro para 2019-2029.

Para terminar essa pequena descrição da evolução da oncologia em Moçambique, gostaria de salientar que o país, neste momento, conta com três serviços de oncologia, localizados nos hospitais centrais do país, Maputo, Beira e Nampula, sendo o hospital de Maputo uma referência nacional que conta com praticamente todas as modalidades de tratamento do cancro. Vale destacar também que as parcerias existentes tiveram impacto na melhoria do atendimento ao doente oncológico em Moçambique, realçando os programas de parceria institucional com Portugal, Estados Unidos e Brasil. A título de exemplo, desde 2014 a Funda-

ção Calouste Gulbenkian e parceiros têm disponibilizado apoio a pessoal médico e não médico a receber formação em Portugal em vários tipos de cancro e especialidades durante curtos períodos de tempo. Isso permitiu, por exemplo, a implementação de novas técnicas de tratamento do cancro e das consultas multidisciplinares de tumores em Moçambique.

Também em 2014, o Projeto Extensão para Resultados de Saúde Comunitária (ECHO), um projeto de baixo custo de teleconsultoria e telementoria com a parceria do MD Anderson Cancer Center em colaboração com instituições de saúde brasileiras, começou a ser implementado em Moçambique. Esse projeto pretendia aumentar a capacidade local e as competências de gestão para a prevenção do cancro do colo do útero e a criação de uma equipa de ginecologistas oncológicos. Essa abordagem, baseada em videoconferências mensais em português, foi complementada por treinamento prático no HCM e em instituições brasileiras.

Bibliografia:

Tulsidás, S., Fontes, F., Brandão, M., Lunet, N., & Carrilho, C. 2023. Oncology in Mozambique: Overview of the Diagnostic, Treatment, and Research Capacity. Cancers, 15(4), 1163.



Satish Tulsidás

Médico Oncologista,
Hospital Central de Maputo



XI CONGRESSO DA CMLP

Telemedicina como ferramenta de apoio no diagnóstico em oncologia

O desenvolvimento da telemedicina acompanhou sempre o desenvolvimento dos meios de comunicação e usou-os desde o seu começo, como o telefone e o telégrafo, para a transmissão de informação médica, sobretudo ao nível dos sons e posteriormente com a transmissão de imagens.

O início do conceito deu-se nos Estados Unidos ainda antes da Primeira Guerra Mundial, com incremento nos anos 1920 e 1930 e um desenvolvimento significativo no período da Segunda Guerra Mundial, acompanhando o desenvolvimento das telecomunicações. Na Europa, o desenvolvimento inicial foi mais lento, com incremento na década de 1970, e só no fim dos anos 1980, com a Comunidade Europeia, é que houve um forte investimento, organizado em vários programas de desenvolvimento das telecomunicações aplicadas à telemedicina.

A telemedicina é, há várias décadas, uma ferramenta imprescindível na prestação de cuidados de saúde diferenciados a populações que vivem em zonas longínquas, isoladas, de forma natural ou por situações de conflito. É também imprescindível em países com baixos recursos económicos, em que faltam equipamentos, mas também recursos humanos qualificados. A telemedicina permite superar barreiras sociais, culturais, económicas e de falta de recursos humanos, mas fundamentalmente superar a distância.

A Cooperação Portuguesa com os Países de Língua Oficial Portuguesa (Palop) tem larga experiência na implementação e desenvolvimento

da telemedicina, no caso de São Tomé e Príncipe, integrada no Projeto Saúde para Todos.

Em São Tomé e Príncipe, desde 2011, a telemedicina faz parte do trabalho diário das várias especialidades médicas que cooperam no país, não só a radiologia, mas também a cardiologia, a oftalmologia, a otorrinolaringologia, a gastroenterologia e a dermatologia. Além disso, as restantes especialidades médicas e cirúrgicas usam a plataforma para segundas opiniões, orientações terapêuticas, com a realização de exames e a opinião de especialistas em tempo real, suportados por um arquivo clínico digital e a integração de equipamento médico com imagem DICOM. Essa plataforma trabalha hoje em ambiente virtual, multiponto, permitindo aos médicos o acesso remoto a partir dos seus computadores pessoais. Assim, suporta diariamente a tele-radiologia e a organização de agendas semanais das diversas especialidades, como a Tele-ORL, a Tele-YE, a Tele-GASTRO e a Tele-DERMA, a realizarem consultas semanais, com a execução de exames altamente sofisticados e em tempo real, por médicos locais, devidamente treinados e com a supervisão dos especialistas.

Essa ferramenta é hoje imprescindível não só para o diagnóstico diário e na orientação terapêutica dos doentes das diferentes áreas médicas e cirúrgicas, mas também na selecção e programação dos doentes cirúrgicos para as missões seguintes. Esta última selecção é fundamental para o sucesso e a rentabilidade das missões, com os doentes já devidamente programados e estudados, e também fazer o seu seguimento após as missões.



Para o sucesso dessa ferramenta, houve todo um programa de formação e desenvolvimento local e com cursos e bolsas de estudo em Portugal, nas áreas médicas e não médicas, que foi organizado e muito bem estabelecido pelas entidades responsáveis.

A telemedicina é fundamental para o diagnóstico precoce, ainda mais relevante quando se trata de cancro. Também permite o acompanhamento *in loco*, com todas as vantagens humanas para o doente e para a sociedade em geral, bem como melhores orientação e coordenação das evacuações sanitárias para Portugal, com ganhos relevantes na alocação de recursos para ambos os países.

A telemedicina e o Projeto Saúde para Todos, a trabalharem com as entidades locais, nomeadamente o Ministério da Saúde de São Tomé, permitiu que São Tomé e Príncipe esteja atualmente em terceiro lugar, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), entre todos os países da África subsaariana no que se refere aos indicadores de saúde.

Celeste Alves

Responsável da Telemedicina
em São Tomé e Príncipe
Responsável das Missões
de Radiologia, IMVF



XI CONGRESSO DA CMLP

Para um Plano Nacional de Oncologia: fatores de ponderação e processos de decisão

Em maio de 2023,, no contexto do XI Congresso da Comunidade Médica da Língua Portuguesa (CMLP), em São Tomé e Príncipe, tivemos a oportunidade de participar numa animada e frutífera discussão acerca da possibilidade e necessidade de elaboração de um adequado Plano Nacional de Oncologia (PNO) nos diferentes países integrantes da CMLP.

Para lá de distintas realidades, algo esperado para uma comunidade de países tão heterogénea, e respetivas disparidades socioeconómicas, com óbvia repercussão na disponibilidade de recursos humanos e materiais, vários desafios e insuficiências em comum foram identificados no que respeita à implementação de um PNO:

- O facto de não ser uma prioridade na esfera política;

- Insuficiente financiamento de base;
- Ausência de interesse da parte dos *stakeholders* privados;
- Sistemas de saúde fragmentados, sem integração;
- Falta de preparação para uma crescente prevalência de doenças crónicas;
- Insuficientes sistemas de referência interna e externa;
- Insuficiente *awareness* para as doenças oncológicas (da parte dos diferentes agentes e população);
- Cuidados paliativos inexistentes/insuficientes.

Um PNO realista e efectivo terá sempre como premissa inicial a integração de cuidados multidisciplinares, articulando os cuidados primários com serviços hospitalares específicos e desejavelmente dedicados à oncologia. Só assim se concretizará a simultaneidade de cuidados em oncologia nas diferentes fases (prevenção, diagnóstico, educação,



tratamento, cuidados paliativos), com a posterior e sempre necessária avaliação da implementação do plano e atualização de procedimentos consoante o *feedback*.

Diferentes ferramentas e procedimentos estandardizados estão disponíveis, delineados por entidades supranacionais (Organização Mundial de Saúde – OMS), mas ajustáveis à realidade local, auxiliando em diferentes vertentes, desde a identificação de necessidades à implementação de um registo nacional oncológico. Novas tecnologias (ao nível do diagnóstico e dos procedimentos cirúrgicos) e a imparável disseminação da telemedicina são óbvias ajudas na concretização dos diferentes objectivos.

Assim, a estratificação de *guidelines* e monitorização de procedimentos consoante a disponibilidade de recursos estará sempre dependente de uma adequada coordenação intergovernamental e institucional, apoiada em parcerias e no envolvimento de múltiplos agentes (públicos/privados; locais/internacionais), com objectivos, *timings* e populações-alvo bem definidos *ab initio*. Quanto à implementação e intervenção nos sistemas de saúde, a respetiva progressividade

horizontal (mais profissionais, mais especialidades médicas, mais oferta) e vertical (formação especializada dos profissionais, mais patologias tratadas, crescente complexidade nos diagnósticos e técnicas) deverá sempre ser baseada na realidade local e com comprovado benefício em termos de *cost-effectiveness* e *cost-utility*.

Em suma, com vista à desejada implementação de um PNO realista e adequado ao contexto, estratégias específicas e graduais beneficiarão sempre do contributo de distintos actores com diferentes experiências e *know-how*. A CMLP será sem dúvida um fórum ideal para delinear essas parcerias e colaborações internacionais.

José Luis Monteiro Alves, Portugal

*Coordenador da Unidade de Neurocirurgia Oncologia e Geral, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra
Regente da Unidade Curricular de Neurocirurgia, Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra*



XI CONGRESSO DA CMLP

CMLP – Espaço de partilha de conhecimento médico

A convite da organização do XI Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP), a COOL-STP participou nos trabalhos deste congresso, realizado na capital da República Democrática de São Tomé e Príncipe, tendo enviado uma delegação com três médicos.

O tema do congresso era “A Oncologia no Espaço Lusófono”, e o nosso contributo assentou na apresentação de uma proposta de construção de um plano oncológico nacional para São Tomé e Príncipe, proposta elaborada com a imprescindível colaboração do Dr. Jorge Espírito Santo, reputado especialista em oncologia médica.

A escolha do tema foi muito oportuna, já que se prevê que os países de baixo e médio rendimento



– onde se inclui São Tomé e Príncipe – tenham, no futuro próximo, um aumento significativo do número de doentes com cancro, podendo aumentar a incidência da doença entre 200% e 400% nos próximos 50 anos.

A presença de delegações de Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique, além de Portugal e do país organizador, permitiu uma interessante troca de pontos de vista e de um melhor conhecimento da realidade de cada um dos países participantes.

Para lá da discussão teórica, foi proporcionada aos participantes uma elucidativa visita ao Hospital Central Ayres de Menezes e ao Centro de Saúde de Trindade (segunda mais importante cidade de São Tomé e Príncipe), em que nos foi possível perceber o excelente trabalho que ali se desenvolve, apesar das muitas carências.

Agradecemos o gentil convite para estar presente e ter a possibilidade de apresentar o nosso ponto de vista. Esperamos que essa semente que foi deixada em São Tomé e Príncipe seja agora acarinhada pelas autoridades locais, a fim de minorar o panorama sombrio que se prevê para os próximos anos.

Desejamos que a CMLP continue a desempenhar esse importante papel de agente aglutinador de saberes e vontades para o bem de todos. A COOL-STP estará sempre disponível para, na medida das suas possibilidades, contribuir para esse desiderato.

Cumpre-nos voltar a agradecer o convite dos organizadores, que muito nos honrou e que representa um estímulo para continuar o nosso trabalho.

***Maria Teresa Martins, Rui Alves,
Manuel Ferreira Ramos, Jorge Espírito Santo
e José Mário Martins***

XI CONGRESSO DA CMLP

Participação da Roche no XI Congresso

Foi muito satisfatório para mim participar neste XI Congresso da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP), em São Tomé e Príncipe. O evento esteve muito bem organizado, tendo sido capaz de reunir vários profissionais importantes da área da saúde da comunidade de países de língua portuguesa, todos esses debruçados sobre um tema tão importante como a oncologia.

O grupo Roche é uma empresa multinacional farmacêutica da Suíça, com presença no continente africano há cerca de 70 anos. Nomeadamente nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop), temos

trabalhado no sentido de criar parcerias sólidas com os diferentes governos e sistemas de saúde de forma a permitir os melhores cuidados de saúde às suas populações, garantindo o acesso a diagnóstico e tratamentos essenciais, de forma sustentável e eficientes, sobretudo nas áreas de oncologia, nefrologia (anemia renal), hematologia (hemofilia A), entre outras áreas de atuação.

Como exemplo dessas parcerias, podemos citar Angola, Cabo Verde e Moçambique, que já têm se beneficiado dessa colaboração. Durante a conferência, foi também possível estreitar laços com o Ministério da Saúde de São Tomé e Príncipe, com quem teremos todo o prazer de colaborar e ajudar a resolver, ou pelo menos mitigar, alguns dos problemas de saúde identificados neste XI Congresso da CMLP.



Na Roche, trabalhamos todos os dias para garantir um futuro em que os africanos possam ter acesso a saúde de classe mundial, contribuindo para soluções que acelerem o progresso dos objetivos de desenvolvimento global da Organização Mundial da Saúde (OMS) e o avanço na cobertura universal de saúde. A nossa atividade foca-se nos seguintes pilares fundamentais.

Adaptação às especificidades de cada país

Cocriamos programas conforme as necessidades de cada país para apoiar os doentes que necessitam de apoio no acesso a diagnóstico e tratamento, tendo em conta as dificuldades e prioridades definidas por cada governo vigente.

Criação de parcerias fortes

Acreditamos que, só em estreita colaboração e espírito de parceria entre as diversas entidades e organismos do setor da saúde, poderemos encontrar soluções para que os doentes tenham acesso aos melhores cuidados de saúde, com vista à cobertura universal de saúde.

Criação de sistemas de saúde resilientes e sustentáveis

A Roche investe diretamente na formação dos seus profissionais de saúde, na disponibilização de equipamentos e infraestruturas essenciais à prestação dos melhores cuidados de saúde bem como na definição de modelos de investimento e preços diferenciados para cada país, com vista à melhoria da qualidade dos seus cuidados de saúde, assegurando que todos os doentes que necessitem das nossas medidas terapêuticas tenham acesso a elas por um custo acessível e sustentável para o sistema.

Vale ressaltar que o evento foi realizado de forma exitosa, com adesão e participação ativa dos convidados, com destaque para o Ministro da Saúde, Dr. Célsio Junqueira, o Bastonário da Ordem dos Médicos, Dr. Celso

Matos, o Diretor Geral do Hospital Menezes, Dr. Zledmir Barros, entre outros, agradecendo desde já o convite e a possibilidade de participar em tão nobre evento.

Realça-se que em São Tomé e Príncipe, apesar de atualmente a oncologia estar ainda numa fase muito embrionária, sem oncologistas clínicos, cirurgiões oncológicos e patologistas, há vários tipos de cancro identificados, sendo os principais: cancro de mama, cancro gástrico, cancro do cólon e linfomas. Conforme o Ministro da Saúde teve oportunidade de referir, esses casos culminam, na sua maioria, na evacuação dos pacientes por junta médica, sendo, portanto, extremamente onerosos para o Estado, custando entre 90 a 120 mil euros anualmente, com uma lista de espera que pode levar anos, já que a capacidade de vazão é de enviar cerca de dois a três pacientes anualmente.

Pretende-se assim diminuir essas evacuações para o mínimo possível através da capacitação local ao nível do diagnóstico e tratamento, por via da formação de especialistas da área.

Como tivemos o prazer de partilhar na conferência, a Roche se compromete a dar seguimento à colaboração com os Palop, incluindo São Tomé e Príncipe, no esforço conjunto para encontrar soluções sólidas e melhorar significativamente os indicadores de saúde desses países, garantindo um melhor acesso à atenção médica de qualidade.

Edvandro José Borges

Médico Doutor em medicina pela Universidade Latino-Americana de Medicina
Consultor médico da Roche Farmacêutica para os Palop





XI

CONGRESSO
DA COMUNIDADE
MÉDICA DE
LÍNGUA PORTUGUESA





PRÊMIO LITERÁRIO

Poema “O que Nos Une”, do médico Ivan Ivankovics, é o vencedor



A obra produzida pelo cirurgião geral Ivan Gregório Ivankovics – membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e de outras instituições nacionais e internacionais – foi o trabalho vencedor da 1ª edição do Prêmio Literário da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP). A entidade anunciou o resultado do concurso que, desde setembro de 2023, analisou 97 produções literárias, de autoria de profissionais da área médica em língua portuguesa, inscritos nas respectivas ordens dos médicos ou associações médicas.

Lançado pela comunidade no intuito de reconhecer e valorizar os trabalhos literários produzidos por profissionais da área médica em língua portuguesa, promovendo o intercâmbio da cultura entre os países lusófonos, o prêmio literário analisou produções que trataram sobre a problemática da saúde no espaço da lusofonia. Na avaliação do júri da premiação, “O Que Nos Une” se destacou pela excelência na abordagem

do tema dentro da lusofonia e também pela qualidade da escrita. O presidente da CMLP, Jeancarolo Cavalcante, comemorou o resultado do concurso: “A CMLP tem orgulho de premiar este trabalho, que representa a união entre os países que a compõem”, ressalta o diretor da entidade lusófona.

O diretor da CMLP integrou a comissão julgadora do prêmio literário, composta ainda pela vice-presidente da organização, Elisa Gaspar; pelo Secretário Permanente da CMLP, Francisco Pavão; e por médicos e docentes do Brasil, de Portugal, de Angola e de Moçambique.

Premiação – Oferecido pela CMLP, o prêmio literário conta com apoio e patrocínio da Ordem dos Médicos de Portugal, que destinará à obra vencedora o valor de mil euros e um diploma. Além do primeiro lugar, o prêmio literário da CMLP concederá menção honrosa a outras três produções: “A Arte Poética da Medicina”, de autoria da médica escritora, poeta e romancista Márcia Etelli Coelho; “Pira ou Sarna?”, produzido pelo médico legal e perito Leonardo Mendes Cardoso; e ainda o trabalho “Poemas”, escrito pela médica paulista Karine Brandão Porto.

Ao conceder as premiações, o júri reconheceu o empenho dos autores e a qualidade das produções enviadas: “Gostaríamos de aproveitar a oportunidade para agradecer a todos os participantes pelo envio de seus trabalhos. Todos os inscritos desempenham um papel fundamental na construção de um legado valioso para a nossa comunidade”, manifestou a comissão julgadora do prêmio literário. A entrega do prêmio será realizada no Brasil, em data e local a serem definidos.



PRÊMIO LITERÁRIO: JÚRI



Componente do júri

Helena Homem de Melo

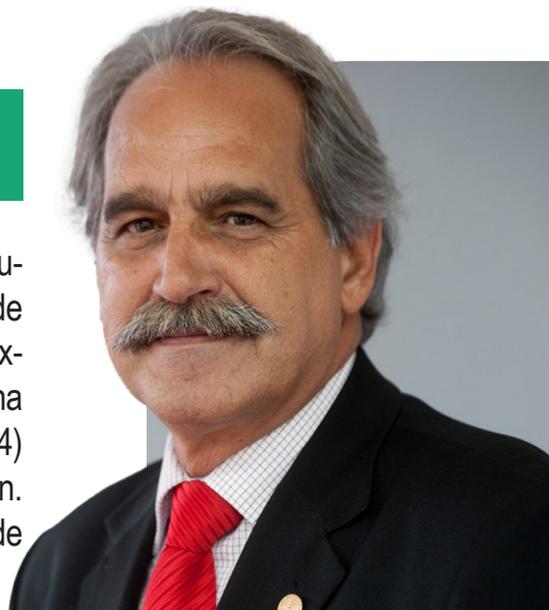
Nasceu há 53 anos, na Beira Alta, mas foi a infância em Moçambique que mais influenciou a sua alma de artista, enchendo de cor a paleta e os livros que escreveu e imprimindo poesia nas esculturas em ferro e nas fotografias que registra. Desde 1985 é médica, dirigindo o Serviço de Radiologia do Centro Hospitalar do Médio Ave. É apaixonada pela família, pelos amigos, pelo ofício médico, pela natureza e pelo mundo. Aos poucos, foi aflorando a sua veia “artística”, a partir de coisa pouca, de cinzas, de desperdícios, de ferro velho, entre outros. Começou do nada, sem escola, sozinha com a sua imaginação. Durante vários anos foi orientada pelo grande Mestre Alberto Péssimo, a quem muito admira e agradece pela influência que sobre si exerce. Já fez dezenas de exposições individuais e colectivas. Está representada em diversas colecções particulares e em vários espaços públicos. Cria esculturas em ferro, recria peças de mobiliário, pinta, fotografa e escreve. Já editou algumas obras literárias no âmbito da poesia, contos, fotografia, literatura infantil e também escreve crónicas de viagens. Em 2000 e 2013 teve uma menção honrosa do Prémio Celestino Alves de escultura, da Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos. Em 2006, ganhou o primeiro prémio do concurso de fotografia do Auto Clube Médico Português (ACMP). Em 2007 ganhou o primeiro prémio do concurso de poesia do ACMP. Em 2021 ganhou o primeiro prémio do Concurso Fotográfico da Ordem dos Médicos Sul com a temática da pandemia. Transformou o Hospital de Santo Tirso, onde trabalha, numa verdadeira galeria de arte contemporânea, tendo aí expostos mais de 100 trabalhos.

É casada e tem três filhas. Se pudesse pintar a cores a vida e as pedras da calçada, certamente o mundo seria um sonho de criança! Seria o seu mundo! Se pudesse escolher um continente, África estaria no primeiro lugar da lista.



Roberto Luiz d'Avila

Médico cardiologista, especialista em bioética, mestre em neurociências e comportamento, professor aposentado do curso de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ex-Presidente do Conselho Regional de Medicina de Santa Catarina (1994-1998) e do Conselho Federal de Medicina (CFM) (2009-2014) e ex-membro do Conselho de Ética da World Medical Association. Desde 2015, é professor de humanidades médicas do curso de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).



Componente do júri



Componente do júri

Nelson Tchamo

Médico urologista de profissão formado pelo Hospital Central de Maputo em convénio com o Hospital Santa Maria, em Lisboa. É licenciado em medicina pela Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique e tem mestrado em gestão e administração (MBA), com especialização em gestão sanitária pela Universidade de Nebrija, na Espanha. É fundador (acionista único) e director da Clínica de Urologia e Andrologia (CLIURCA), bem como director da Fundação Iniciativa de Saúde Masculina (ISMA) e representa em Moçambique a Global Actions on Mens Health (GAMH). É docente de urologia na Universidade Eduardo Mondlane e Instituto Superior de Ciências e Tecnologias de Moçambique (ISCTEM) e Instituto Superior de Ciências de Saúde (ISCISA). É o presidente do Conselho Nacional para o Serviço Nacional de Saúde na Ordem dos Médicos de Moçambique. É o Ponto Focal para o Cancro da Próstata no Ministério de Saúde de Moçambique (MISAU). É membro da International Society of Men's Health (ISMH) e da American Urology Association (AUA). Tem interesse nas áreas de saúde masculina, oncologia urológica, saúde sexual e reprodutiva com enfoque no homem. Actualmente é o Presidente da Associação dos Médicos Escritores e Artistas de Moçambique (AMEAM).



Componente do júri

Luvualu Claris Ndongala

Nome artístico: Dr. Clarry

Licenciado em medicina pela Universidade Agostinho Neto, em Luanda, Angola, ele se especializou em dermatologia e venereologia no Hospital Américo Boavida.

Além de sua formação médica, Dr. Clarry adquiriu habilidades em comunicação e *design* em saúde pelo Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), em Lisboa, Portugal. Também completou um programa de formação profissional em gestão de infodemias e comunicação de risco em saúde pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Paralelamente, Dr. Clarry é credenciado como músico e agente promotor de eventos pelo Ministério da Cultura de Angola. Como produtor musical e editor de vídeo nos CfC-Estúdios, ele une seus conhecimentos médicos e comunicacionais com sua atuação na produção cultural.

Carlos Mota Cardoso

Pseudônimo: João Trambelo

Carlos Mota Cardoso, natural de Vildemoinhos, Terra Trambela, Viseu, é médico psiquiatra, mestre em medicina e doutor em psicologia pela Universidade do Porto. Foi diretor do Hospital do Conde de Ferreira (1984-1996) e presidente do “Porto, Cidade de Ciência” (2004-2011). Atualmente, é professor catedrático convidado na Universidade do Porto e Académico Estrangeiro da Real Academia Nacional de Medicina de Espanha.

Outras obras publicadas pelo autor

- *Os Caminhos da Esquizofrenia* (2002);
- *Nódoas na Alma* (2008);
- *Na sombra de Camilo* (2015);
- *Rui Rio – Raízes de Aço* (2015);
- *A Tirania da Erótica* (2017);
- *Libertar o Silêncio da Floresta* (2018);
- *A Última Carruagem* (2020);
- *Angeli Medici* (2023).

Obras traduzidas

- *As Quatro Dimensões do Doente Depressivo* (2011);
- *Áustrias Espanhóis – Filipes portugueses* (2015);
- *Dom Quixote e o seu labirinto vital* (2016);
- *Depressão* (2019).



Componente do júri



Jorge Manuel Virtudes dos Santos Penedo

Jorge Manuel Virtudes dos Santos Penedo, natural e residente em Lisboa, nasceu em 18 de abril de 1962. É assistente hospitalar graduado em cirurgia geral no Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central (CHULC) e membro do Centro de Referência de Cancro do Reto. Concluiu o Programa de Alta Direção de Instituições de Saúde (Padis) pela AESE e um curso de pós-graduação em liderança em saúde pela Nova Economic School. Possui competência em gestão de unidades de saúde pela Ordem dos Médicos.

Atua como assistente convidado de cirurgia e regente da Unidade Curricular de Gestão e Governação Clínica do Mestrado Integrado em Medicina da Nova Medical School. Desde 2020, é assessor do Conselho de Administração do CHULC. Ocupa, desde 2023, o cargo de membro do Conselho Superior da Ordem dos Médicos. Entre 2017 e 2023, foi Vice-Presidente do Conselho Regional do Sul da Ordem dos Médicos e membro do Conselho Nacional da Ordem dos Médicos.

Jorge Penedo é também membro do Conselho Consultivo do INFARMED desde 2017 e participou da Comissão Nacional de Centros de Referência (2014-2016), do European Board for European Network (2013-2016) e da Comissão de Avaliação de Medicamentos (2013-2016). Foi Editor Chefe da *Revista Portuguesa de Cirurgia* de 2012 a 2019 e assessor do Ministro da Saúde de 2011 a 2015. Além disso, foi adjunto do Diretor Clínico do CHULC entre 2007 e 2017 e de 2019 a 2020, e membro da Comissão de Ética para a Investigação Clínica de 2005 a 2020.



Componente do júri



Lilian Cristina Nascimento Pinho

Formou-se em letras – inglês e literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e fez especialização em tradução inglês-português pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Em 2006, ingressou na carreira diplomática. Desde então, trabalhou na Secretaria de Estado das Relações Exteriores, em Brasília, na Divisão de Imigração (2006-2008); na Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (subchefe, 2008-2010); na Divisão de Temas Educacionais (subchefe, 2013-2017) e na Divisão de Assistência Consular (chefe, 2017-2019). No exterior, foi chefe do setor cultural e educacional na Embaixada do Brasil em Praia, Cabo Verde (2010-2013), e na Embaixada do Brasil em Helsinque, Finlândia (2019-2022). Atualmente, é chefe da Divisão de Língua Portuguesa do Instituto Guimarães Rosa, na Secretaria de Estado das Relações Exteriores, em Brasília.



Componente do júri



Componente do júri

Guilherme Figueiredo

Foi, entre 2011 e 2018, bolseiro do Instituto Camões em Praga, onde desempenhou funções de programação cultural junto ao Centro de Língua Portuguesa e da Embaixada de Portugal. Foi leitor externo de língua e cultura portuguesas na Universidade Carolina (Praga), Universidade Masaryk (Brno), Universidade Palacky (Olomouc) e Universidade de Ostrava. Entre 2018 e 2019 foi leitor do Camões na Universidade Carolina e Diretor do Centro de Língua Portuguesa em Praga. Desde 2019 exerce as mesmas funções na Universidade de São Tomé e Príncipe.



PRÊMIO LITERÁRIO

O poema “O que nos Une”, produzido pelo cirurgião-geral Ivan Gregório Ivankovics, membro do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e de outras instituições nacionais e internacionais, foi o trabalho vencedor da 1ª edição do Prêmio Literário da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP). O anúncio do resultado do concurso foi feito em maio de 2023. Desde setembro de 2022, a entidade analisou 97 produções literárias de autoria de profissionais da área médica em língua portuguesa, inscritos nas respectivas ordens dos médicos ou associações médicas.

“Nem em nossos melhores e maiores sonhos, poderíamos imaginar que seríamos agraciados com o primeiro lugar. Para nós, é uma honra enorme, uma alegria, principalmente por sermos brasileiros e estarmos representando aqui nosso estado de Rondônia e colocando o Brasil e Rondônia no cenário literário mundial. Isso coroou um trabalho de dedicação, muito estudo, fé e crença de que tudo é possível. Desde que tenhamos dedicação e trabalho, nós conseguimos alcançar nossos objetivos”, comentou Gregório.



Presidente do Conselho Federal de Medicina, José Hiran Gallo, entrega o certificado do Prêmio Literário da CMLP.



Vencedor do prêmio literário da CMLP, Ivan Gregório Ivankovics.

O Prêmio Literário, que analisou produções que trataram sobre a problemática da saúde no espaço da lusofonia, foi lançado pela CMLP no intuito de reconhecer e valorizar os trabalhos literários produzidos por profissionais da área médica em língua portuguesa, promovendo o intercâmbio da cultura entre os países lusófonos.

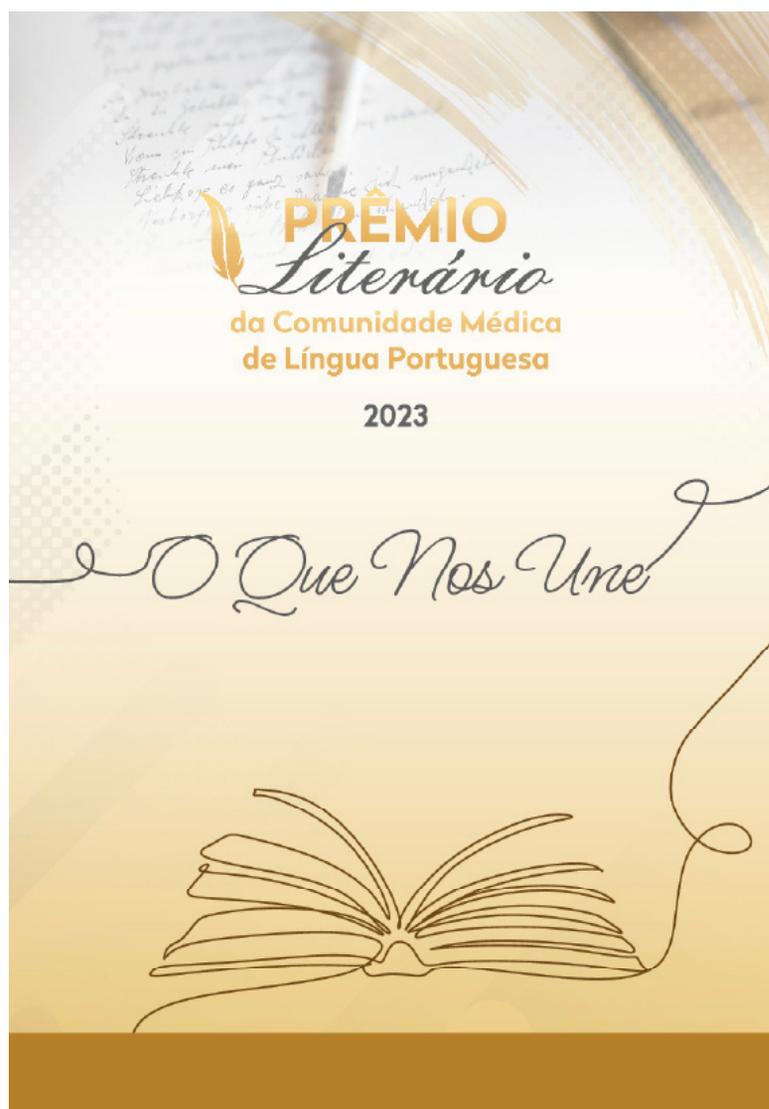
Na avaliação do júri da premiação, “O que nos Une” destacou-se pela excelência na abordagem do tema dentro da lusofonia e pela qualidade da escrita. Para Gregório, o poema foi criado para representar as particularidades e desafios de cada um dos países que compõem a comunidade médica de língua portuguesa.



“Esse trabalho tem como objetivo mostrar que os problemas podem ser individuais, mas, desde que falemos a mesma linguagem, a solução é coletiva. Essa linguagem possui três componentes principais: a lusofonia, a medicina e o desejo de aliviar o sofrimento humano. Desde que falemos essa linguagem com tais elementos, atenderemos não só as pessoas, mas também as expectativas de vida e saúde, com solidariedade, humanidade e, por fim, amor”, explicou.

O presidente da CMLP, Jeancarlo Cavalcante, que também é o 1º vice-presidente do Conselho Federal de

Medicina (CFM), comemorou o resultado do concurso. “A CMLP tem orgulho de premiar este trabalho, que representa a união entre os países que a compõe”, disse. Jeancarlo integrou a comissão julgadora do Prêmio Literário, composta ainda pela vice-presidente da organização, Elisa Gaspar; pelo Secretário Permanente da CMLP, Francisco Pavão; e por médicos e docentes do Brasil, Portugal, Angola e Moçambique.

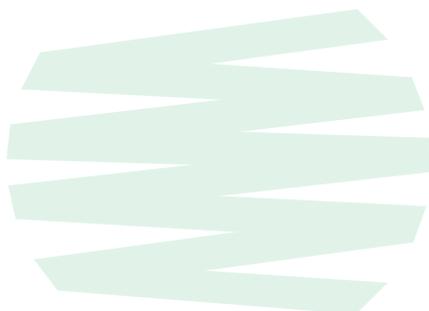




MENÇÃO HONROSA



Em 2 de junho de 2023, teve lugar a sessão de entrega de uma menção honrosa à Dra. Márcia Etelli Coelho, oferecida pela Ordem dos Médicos de Angola no âmbito do Prémio Literário da CMLP. A cerimônia, que decorreu no salão nobre dessa instituição, foi presidida pela Senhora Bastonária Dra. Elisa Gaspar, que, em nome de todos os médicos de Angola, ofereceu uma bonita e simbólica peça de arte nacional. Estiveram presentes muitos médicos representantes dos órgãos dirigentes e colégios da Ordem dos Médicos, assim como representantes da sociedade civil de Angola, o Secretário Permanente da CMLP e, remotamente, o Presidente da CMLP, que agradeceu todo o empenho à Ordem dos Médicos de Angola na atribuição desse prémio.



PRÉMIO LITERÁRIO DA COMUNIDADE MÉDICA DE LÍNGUA PORTUGUESA

SIGNIFICADO DA PEÇA DE ARTE

A MULHER REPRESENTA A RAIZ DE UMA MÃE ANGOLANA	A BANHEIRA NA CAREÇA REPRESENTA A MULHER GUERREIRA QUE VENDE PARA SUSTENTAR A SUA FAMÍLIA
A ENCHADA NA MÃO REPRESENTA A MULHER DO CAMPO QUE CULTIVA PARA ALIMENTAR A SUA FAMÍLIA	OS FILHOS REPRESENTA A FORÇA DA MULHER GUERREIRA, PARA PODER CULTIVAR E VENDER PARA O SUSTENTO DA SUA FAMÍLIA

 **ORDEM DOS MÉDICOS DE ANGOLA**  **CMLP**
Comunidade Médica de Língua Portuguesa



BOLETIM DA CMLP

CMLP segue atuante

O boletim agora publicado, compromisso que a CMLP tem assumido, relata e deixa registrado importantes eventos e acontecimentos desta comunidade.

O XI Congresso da CMLP revestiu-se de enorme sucesso. Desde o pacífico e paradisíaco país insular que é São Tomé e Príncipe, discutiram-se as diferenças nos sistemas e no acesso à saúde, refletiu-se sobre a importância da formação e capacitação de quadros profissionais especializados, e foram pensadas estratégias para o esboço e aplicação de programas nacionais na área oncológica.

Falou-se de cooperação na saúde, na formação, na produção de ciência e no desenvolvimento e oportunidade da saúde digital. Estamos a tempo de construir um caminho e um futuro melhor, que aproxime os médicos na partilha de conhecimento e de experiências, mas sobretudo que crie oportunidades para o alcance da cobertura universal em saúde para todos.

Uma nota de especial louvor à Ordem dos Médicos de São Tomé e Príncipe, na pessoa de seu Bastonário, Dr. Celso Matos, que, enfrentando todas as dificuldades e adversidades, acolheu os congressistas de braços abertos, numa exímia organização do evento, fosse no conteúdo científico, na logística ou nas visitas de campo realizadas.

Defendeu e promoveu também a língua portuguesa. O dia 5 de maio de 2023, para além da celebração mundial, foi também o momento de anunciar os vencedores da primeira edição do Prémio Literário da

CMLP, o qual destacamos com evidência neste Boletim. A música, a dança e a literatura estiveram presentes durante todo o encontro, tendo inclusive havido a oportunidade de escutarmos prosas e poemas de muitos autores da CPLP pela consagrada escritora santomense Conceição Lima.

Tempo ainda para saudar o Senhor Dr. Alvaro Baticam, médico especialista em cardiologia, recém eleito Bastonário da Ordem dos Médicos da Guiné-Bissau, a quem desejamos os melhores votos nessa nova missão.

Saudar a realização do V Congresso Internacional da Ordem dos Médicos de Cabo Verde, que na cidade de Mindelo juntará a CMLP e muitos colegas convidados para debater o tema “Inovação para aumentar o acesso à saúde”.

A CMLP mantém o seu compromisso de aproximar todos as organizações médicas representadas na CPLP, razão pela qual a sua direção tem enviado esforços e profícuos contactos com as altas autoridades da Guiné Equatorial e acompanhado os esforços da Associação Médica de Timor-Leste. Estamos certos de que o constante diálogo e a partilha de boas práticas e experiências trarão maior coesão e projeção a esta comunidade.

Francisco Pavão

Médico, especialista em saúde pública e Secretário Permanente da CMLP





BOLETIM DA CMLP: O FUTURO DA SAÚDE DA CPLP



CMLP reúne-se na Guiné Equatorial

O encontro da Comunidade Médica de Língua Portuguesa (CMLP) realizado nos dias 5 a 7 de dezembro de 2023, no Centro Internacional de Conferências de Sipopo, em Malabo, Guiné Equatorial, teve como tema central “O Futuro da Saúde na CPLP”. O evento contou com uma programação intensiva ao longo de três dias, reunindo profissionais de saúde, autoridades e representantes de diversos países de língua portuguesa.

No dia 5 de dezembro de 2023, o evento foi inaugurado com **uma cerimônia de abertura solene**, na qual estiveram presentes o presidente da Câmara Municipal de Malabo, o presidente da CMLP, um representante da Organização Mundial da Saúde (OMS) e S. Ex^a o Ministro Delegado da Saúde e Bem-Estar Social da Guiné Equatorial. Após os discursos iniciais, os participantes registraram o momento com uma foto de grupo.

As atividades do primeiro dia prosseguiram com a realização de diversas sessões. Na primeira delas, o Dr. Hilario Ondo Edjang, diretor-geral de saúde mental da Guiné Equatorial, apresentou um amplo pano-

rama sobre o grêmio de médicos no país. Logo em seguida, o Dr. Florentino Abaga Ondo, diretor-geral de saúde pública, discorreu sobre a estrutura e o funcionamento do Sistema de Saúde da Guiné Equatorial.

No período da tarde, o **Dr. Jeancarlo Cavalcante**, presidente da CMLP, liderou a sessão que abordou os desafios globais para a saúde no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Posteriormente, o **Dr. Francisco Pavão**, secretário permanente da CMLP, apresentou informações sobre políticas de saúde e cooperação na CPLP.

O primeiro dia de atividades terminou com uma visita ao Instituto Politécnico Superior da Lusofonia (IPSL) de Malabo, proporcionando aos participantes a oportunidade de conhecer as instalações educacionais locais.





No segundo dia, o evento continuou com sessões de discussão sobre temas cruciais para a área da saúde. A **Dra. Elisa Gaspar**, vice-presidente da CMLP de Angola, liderou a sessão que abordou questões de saúde, sustentabilidade e inclusão social. Na sequência, o **Dr. Carlos Magno Dalapicola**, representante do Conselho Federal de Medicina do Brasil (CFM), proferiu uma palestra sobre investimento e financiamento na área da saúde.



No período da tarde, os participantes tiveram a oportunidade de visitar o La Paz Malabo Medical Center, uma instituição médica de relevância local.

O segundo dia do evento culminou com a assinatura solene da Declaração de Malabo entre diversas entidades presentes. A declaração reforça o reconhecimento da importância da saúde no desenvolvimento sustentável dos Estados-membros da CPLP. O documento formaliza a integração da Associação Médica da República da Guiné Equatorial na CMLP, apontando como um passo significativo para fortalecer as colaborações médicas e diversidade cultural na comunidade. A declaração enfatiza a cooperação científica, programas de formação especializada, bolsas de estudo e estágios, bem como o fortalecimento dos sistemas de saúde nacionais, alinhados com os objetivos do Plano Estratégico de Cooperação em Saúde da CPLP (PECS-CPLP). A solidariedade e a cooperação entre os países de língua portuguesa no setor da saúde são reafirmadas como

essenciais para enfrentar os desafios presentes e futuros, visando ao bem-estar de todos os povos envolvidos. Além disso, a bandeira da Guiné Equatorial será incorporada ao logotipo da CMLP, simbolizando a unidade e a inclusão na comunidade.



Em seguida, a cerimônia de encerramento formalizou o término das atividades do dia.

No terceiro e último dia do evento, os participantes foram conduzidos a uma visita ao Instituto de Investigação e Saúde Pública, que inclui um hospital clínico distrital e um laboratório de referência. Essa visita proporcionou uma visão detalhada das capacidades de pesquisa e saúde pública na Guiné Equatorial.

O encontro da CMLP, em 2023, em Malabo, Guiné Equatorial, representou um importante fórum de discussão e colaboração para os profissionais de saúde dos países de língua portuguesa. Os tópicos abordados, as palestras e as atividades ocorridas durante o evento contribuíram significativamente para o avanço da cooperação e do conhecimento na área da saúde dentro da comunidade de língua portuguesa.





LITERATURA LUSÓFONA

A casa

Aqui projectei a minha casa:
alta, perpétua, de pedra e claridade.
O basalto negro, poroso
viria da Mesquita.
Do Riboque o barro vermelho
da cor dos hibiscos
para o telhado.
Enorme era a janela e de vidro
que a sala exigia um certo ar de praça.
O quintal era plano, redondo
sem trancas nos caminhos.
Sobre os escombros da cidade morta
projectei a minha casa
recortada contra o mar.
Aqui.
Sonho ainda o pilar –
uma rectidão de torre, de altar.
Ouço murmúrios de barcos
na varanda azul.
E reinvento em cada rosto fio
a fio
as linhas inacabadas do projeto.

Conceição Lima, extraído de *O Útero da Casa*.

Conceição Lima nasceu em Santana, na ilha de São Tomé, em 1961. Estudou jornalismo em Portugal. Em São Tomé e Príncipe trabalhou e exerceu cargos de direcção na rádio, televisão e na imprensa escrita. É licenciada em Estudos Afro-Portugueses e Brasileiros pelo King's College de Londres e mestre em Estudos Africanos, com especialização em Governos e Políticas em África, pela School of Oriental and African Studies (Soas), de Londres. Foi durante vários anos jornalista e produtora dos Serviços de Língua Portuguesa da BBC. Presentemente é jornalista da TVS, Televisão São-Tomense. Tem poemas dispersos em jornais, revistas e antologias de vários países.





Boletim Informativo CMLP
Maio/2024

Acesse a versão eletrônica em cmlp.org.br

Organização, redação e edição: Francisco Pavão

Revisão de texto: Tikinet

Diagramação: Evellyn Rodrigues e Ingrid Carneiro/CFM

Supervisão editorial: Thaís Dutra/CFM



CMLP
Comunidade Médica
de Língua Portuguesa